



Jacob Holzmann Netto

**ESPIRITISMO
E
MARXISMO**

EDIÇÕES 'A FAGULHA'

Por reconhecer o valor histórico deste texto, originário do final dos anos 1960, o PENSE oferta-o a estudiosos e pesquisadores do pensamento espírita vinculado à temática sociológica. Trata-se de uma conferência proferida pelo grande orador paranaense Jacob Holzmann Netto, em 1964, transcrita e editada em livro no início de 1970 pelo Movimento Universitário Espírita (MUE), em pleno período da ditadura militar.

Natural de Ponta Grossa (PR), Jacob Holzmann Netto nasceu em 28 de julho de 1934 e faleceu no dia 26 de agosto de 1994, em Curitiba (PR).

Bacharelou-se em Direito, em 1958, e formou-se em psicologia no ano de 1972, profissão que exerceu até o final de sua vida. Dominava, além da língua pátria, os idiomas inglês e francês.

Holzmann Netto se destacou como um orador cativante, carismático e extremamente culto. Ganhou dezenas de concursos estaduais e nacionais de oratória. Era considerado o maior orador espírita de sua época. Foi também o idealizador e um dos fundadores da Comunhão Espírita Cristã de Curitiba.

Suas posições doutrinárias controversas o colocaram em rota de colisão com o movimento espírita, pois via o Espiritismo como uma poderosa alavanca de libertação e transformação social, sem os prejuízos do religiosismo e do conservadorismo político. O resultado disso foi seu afastamento das fileiras espíritas no final dos anos 1960, fato que também ocorreu com várias lideranças do MUE.

Tema delicado para a época, as correlações entre o marxismo e o Espiritismo são aqui abordadas por Holzmann Netto com maestria e sólida fundamentação filosófica em pensadores como Manuel S. Porteiro (*), Gustavo Geley, Allan Kardec e Humberto Mariotti, filósofo espírita portenho que prefacia a obra e situa a atuação do orador paranaense como a de um lídimo representante do que denominou de esquerda kardeciana.

Esta publicação, de difícil acesso, teve pequena tiragem, tendo sido lançada com poucos recursos gráficos e editoriais. Mas é uma obra que se impôs com o tempo pelo conteúdo e a ousadia na análise crítica do marxismo e do socialismo, agora disponível em sua versão digital.

(*) O site ressalva que, embora o autor cite com ênfase a obra *Espiritismo Dialético*, de Manuel S. Porteiro, em algumas partes do texto há expressões idênticas às desse pensador espírita argentino, sem menção da fonte, o que não exclui o seu valor histórico. Fonte biográfica: <http://www.feparana.com.br>



Edição A FAGULHA

JACOB HOLZMANN NETTO

ESPIRITISMO E MARXISMO

A FAGULHA

Cx.P. 1536 - Campinas
Estado SP - Brasil

ESPIRITISMO E MARXISMO

Introdução de HUMBERTO MARIOTTI

ÍNDICE

PRÓLOGO	1
1 - O IDEALISMO FILOSÓFICO DE GELEY	10
a) Geley e Kardec	10
b) O Dinamopsiquismo de Geley	11
2 - O MARXISMO COMO DIALÉTICA E COMO MATERIALISMO	15
a) Os Dogmas do Materialismo Dialético..	18
b) A Economia Como Fator Essencial do Determinismo Histórico	22
3 - O CONCEITO DINAMOGENÉTICO DA HISTÓRIA SEGUNDO O ESPIRITISMO DIALÉTICO	25
a) A Interpenetração Homem-sociedade.....	29
4 - A FALÊNCIA DO ESPIRITUALISMO RELIGIOSO CLÁSSICO	31
a) A Razão de Ser do Homem de Marx.....	32
5 - A CONCILIAÇÃO DO SOCIALISMO COM A REALIDADE ESPIRITUAL	35
a) Materialismo e Socialismo	35
b) Socialismo e Espiritismo	36
6 - PELA VIVÊNCIA SOCIAL DA DOUTRINA ESPÍRITA	42
NOTA EXPLICATIVA	48
NOTAS DA EQUIPE A FAGULHA	50

NOSSA SEGUNDA EDIÇÃO

Esta obra responde aos imperativos dos dias que correm. Fruto de palestra cunhada pela inteligência de Jacob Holzmann Netto, dispõe-se a traçar novas rotas ao conhecimento humano, em face das quais insta o homem a inaugurar uma atitude autenticamente cristã perante seus semelhantes e a vida social em si mesma. Não se avoca, contudo, o direito de dizer a última palavra a propósito do assunto que se propõe. Sem estar imune a falhas, erros e omissões, representa, acima de tudo, uma corajosa tentativa de abordagem de um problema sumamente intrincado. Constitui-se, pois, num convite ao estudo e à ação.

Em assim sendo entendido, "ESPIRITISMO E MARXISMO" logrou polarizar a atenção de quantos compreendem que o saber configura o primeiro passo rumo ao ser. A bem da verdade, os pedidos de remessa já haviam se sucedido de tal maneira que – por força do interesse despertado junto às hostes espíritas e universitárias – decorridas apenas algumas semanas do anúncio dessa publicação, vimos, como que por encanto, esgotar-se sua primeira edição.

Este livro tem uma missão a cumprir. E dela se desincumbirá embora esta segunda edição lhe custe o opróbrio de pessoas que – por avessas ao progresso – se deixam imantar a ideais conservadores. Ele reflete nossa ânsia de saber e ser, propósito do qual jamais recuaremos, mesmo porque a cruzada de esclarecimento que a EQUIPE A FAGULHA empreende, encontra, a pouco e pouco, acústica no seio daqueles que, dialeticamente, laboram no sentido de criar condições para o surgimento do novo, cientes de que somos,

os homens, os fios condutores da evolução.

Dessa maneira – malgrado nós saibamos percorrer um caminho atapetado por incompreensões de toda ordem – esse fato, aliado a tantos outros, só nos soa à moda de fator de estímulo a que prosseguimos, intemoratos, eretos, confiantes, com vistas a rasgar os horizontes conceituais da nova civilização. Ou, numa palavra, a abreviar o amanhã. Nossa plataforma é, sobretudo, a conscientização sócio-espiritual do homem.

Campinas, março de 1970

EQUIPE A FAGULHA

PRÓLOGO

Respondendo a um gentil convite da revista A FAGULHA e de seus jovens diretores, para que escrevamos um prefácio para *Espiritismo e Marxismo*, do Dr. Jacob Holzmann Netto, é que traçamos estas linhas, a fim de dar cumprimento a tão amistosa solicitação. Conhecemos de há muitos anos o autor do presente trabalho e nos aventuramos a dizer que pertence ao que bem poderia chamar-se *esquerda kardeciana*. Encontramo-nos, porém, diante de um jovem que, não obstante sua vocação socialista, começa sua exposição com estas palavras: "Caríssimos irmãos em Cristo Jesus", as quais, ante certos "radicais" do Espiritismo, poderiam menoscabar sua postura progressista e revolucionária. Mas, apesar disso, o Dr. Jacob Holzmann Netto se nos apresenta como um dinâmico crítico espírita do marxismo, no que se refere à sua concepção materialista do homem e da história, demonstrando-nos, assim, que a visão cristã que o Espiritismo tem do processo histórico em nada anula o vigor progressista que o caracteriza.

Estas palavras de Jacob, "Caríssimos irmãos em Cristo Jesus", nos falam do que significa o homem espírita forjado ideal e doutrinariamente ao calor da codificação kardeciana, pois, como se verá, o Espiritismo não é um novo ópio religioso, à moda clássica, que vem adormecer as consciências, como o supõem os ortodoxos do marxismo. Ao contrário, ele nos indica que, embora o espírito evangélico do homem espírita, sua visão do mundo e da sociedade responde aos mais elevados ideais de justiça e liberdade. Do que resulta que o Dr. Jacob Holzmann Netto, e com ele toda a juventude que convive com o processo histórico contemporâneo, não

se aparta da essência evangélica do Espiritismo, apesar do seu afã de ver no mundo uma sociedade mais eqüitativa no que respeita à justiça social.

E isto nos leva a pensar que a juventude universitária dos nossos tempos é a que dará cumprimento, dentro do movimento espírita, à grande determinação de Léon Denis: "Dar uma alma ao Socialismo". Com efeito, o presente estudo tende a essa sublime finalidade: espiritualizar o Socialismo e descobrir no processo dialético da história sua dimensão idealista e psicológica, sobre a base espírita do Espírito em sua situação encarnada e desencarnada.

Isto posto, sem subestimar a obra de notáveis homens espíritas já maduros, cremos que à juventude compete levar o Espiritismo aos planos da cultura moderna, especialmente a juventude espírita universitária, que está mais preparada para contrastar os diversos valores científicos, filosóficos e religiosos do Mundo Moderno. E este trabalho assim no-lo demonstra, pois cremos que pode enfrentar os mais severos simpósios universitários, já que, com sua análise do marxismo, coloca a filosofia espírita, axiologicamente considerada, ao mesmo nível do materialismo histórico e dialético e ao dos mais graves problemas da filosofia contemporânea.

Nota-se em Holzmann Netto um novo espírito militante que ressoa com notáveis pensadores espíritas, já entrados em anos, como J. Herculano Pires, Remo Fedi, André Dumas, Manuel S. Porteiro, Santiago A. Bossero, Hugo L. Nale, os quais colocam o pensamento kardeciano frente aos mais delicados problemas da civilização moderna. Alegra-nos agora que com o Dr. Jacob Holzmann Netto se engrandeça a lista dos que elabo-

raram um novo humanismo social à luz do ideário espírita, pois assinala-nos ele que o Espiritismo não será sobrepujado por nenhum fato científico ou filosófico. Mas o de que a doutrina espírita necessita é de homens preparados para julgar e sentir a evolução do Mundo Moderno, de acordo com suas evoluções e progressos através das grandes concepções ideológicas que nos oferece a Codificação Kardeciana. Só assim o Espiritismo será reconhecido como uma verdade pela gnosiologia atual e penetrará o processo evolutivo dos povos com a força espiritual mais viva e verdadeira que terão visto os tempos.

E isto é que nos faz pensar que a juventude não deverá envelhecer ao ritmo das coisas já caducas e superadas. Ademais, na concepção espírita da vida não cabem os anos do corpo, assim como no Espírito não contam essas relatividades objetivas de espaço e tempo. Na visão espírita da história só se nos mostram a dinâmica revolucionária das almas e a beleza do progresso sobre a base da eterna juventude das idéias. Por isso cremos que o futuro pertence ao Espiritismo e que Kardec resplandecerá sempre como uma estrela no céu científico, filosófico e religioso da humanidade.

O presente estudo contribuirá para demonstrar que não é pelas vias do materialismo dialético que se manifestará a nova sociedade humana. Ele acentua que o Idealismo não foi ultrapassado, como supõem os teóricos do marxismo, posto que a filosofia espírita possui os elementos necessários para comprovar que é a Idéia que rege a marcha da história e, portanto, é o Espírito quem modificará a sociedade e não os chamados "modos de produção", como dizia Karl Marx. Eis porque consideramos que o Espiritismo será mais bem conhecido se se avocar o estudo

dos fenômenos sociais e históricos, vale dizer, se penetrar na essência viva do que determina esse violento espetáculo social chamado "luta de classes". E este trabalho do Dr. Jacob Holzmann Netto tende a isso, pois deixará confundidos a quantos hajam suposto que o Espiritismo era uma manifestação do demônio e, entre os esotéricos, o produto fenomenológico de larvas e cascões astrais.

Sustentamos, portanto, que o Espiritismo, na hora atual da humanidade, se afirmará — triunfalmente, diríamos — mais pelo estudo dos problemas sociais que pela análise exclusivamente científica, já repetida até o cansaço, dos fenômenos mediúnicos. E ele nos explica que o processo histórico se acelerará, por lei de evolução, mais pela interpretação espiritual do homem e de seu verdadeiro sentido existencial, o que nos demonstra que a Lei de Sociedade se cumprirá amplamente para desembocar na Lei de Igualdade assentada na Lei de Justiça, Amor e Caridade.

Se o Espiritismo, como movimento histórico, se distanciasse dos fenômenos sociais por considerá-los de natureza política, renunciaria à missão transcendente que lhe compete cumprir: restabelecer os valores do Cristianismo à luz da filosofia palingenésica. De modo que tudo quanto se faça para que o Espiritismo penetre no processo histórico da humanidade não será senão cumprir com as diretrizes traçadas por Kardec, quando falou da ação que o movimento espírita desenvolveria no que ele chamou de período social.

O Espiritismo realizará na sociedade o que já está realizando no religioso. Sua visão, com efeito, revolucionou o conceito clás-

sico de religião; elaborou outra ciência religiosa, ultrapassando assim o estreito espaço dos dogmas e atingiu as profundezas do Espírito, até demonstrar que o autenticamente religioso está na essência divina do indivíduo. Deste modo, diz-nos o saber espírita, se dá execução ao desenvolvimento da Lei de Adoração. Do mesmo modo ele atingirá a essência dos fenômenos sociais e produzirá com suas luzes uma revolução social sem necessidade dessa força catastrófica que determina a luta de classes, visto que a gerará por uma absorção pacífica dos fenômenos contraditórios da sociedade, mediante a aplicação da Lei de Justiça, Amor e Caridade, mostrando-se assim como feliz consequência os benefícios da Lei de Igualdade.

Por outro lado, é sumamente importante a interpretação que o Dr. Jacob Holzmann Netto faz da ideologia de Gustavo Geley, esse insigne codificador da filosofia científica do Espiritismo, a qual se parece tanto, no social, com a de José Ingenieros, o talentoso pensador argentino e mestre da juventude latino-americana. O pensamento de Geley pode proclamar-se como a Filosofia Espírita da Universidade Moderna, já que possui elementos filosóficos adequados à juventude contemporânea. Cremos, por isso, que Kardec é o codificador espírita no universal, enquanto Geley representa a expressão da Ciência do Ser para a cultura universitária moderna. Mas tanto Kardec quanto Geley se consubstanciam entre si pelas grandes raízes de uma mesma verdade.

Louvável, portanto, que Holzmann Netto haja penetrado no pensamento geleyano, já que o grande sábio francês se encontrava olvidado entre os estudiosos espíritas, até mesmo na França, de cuja situação só podemos excluir André Dumas, o inteligente autor de "A Ciência da

Alma". E uma obra como a de Gustavo Geley não merece tão ingrato esquecimento de parte do Velho Mundo; mas nós outros confiamos em que os intelectuais espíritas, especialmente a juventude latino-americana, saberão reivindicar uma tarefa filosófica tão importante como a do autor dessa fonte inesgotável da filosofia palingenésica, como o do livro "Do Inconsciente ao Consciente", cuja solidez metafísica é capaz de resistir, como continuação que é da codificação kardeciana, às mais pujantes críticas do marxismo feitas à concepção idealista do homem e da história.

O Espiritismo é a única Ciência do Espírito que possui realmente duas naturezas para estabelecer um autêntico conhecimento do Ser e da Sociedade, já que participa em sua elaboração científica, filosófica e religiosa do objetivo e do subjetivo, vale dizer, do visível e do invisível. Daí que só sua doutrina, dentro da cultura moderna, poderá dar ao Idealismo uma verdadeira base espiritual, o qual foi rechaçado como fator reacionário pela filosofia marxista.

Sem embargo, à luz do pensamento espírita a visão idealista do homem e da sociedade é uma realidade assentada sobre os fatos mediúnicos, especialmente nos de ideoplastia, tão bem estudados por Geley. É por isso que o marxismo perde vigor e validade científico-filosófica quando faz da Idéia um reflexo determinado pela realidade material na mente do indivíduo. De tal modo, o marxismo se limita antropologicamente ao reduzir o homem a um sujeito destinado á morte e ao nada. Coloca-se, assim, ao nível dos demais sistemas cujas aspirações éticas deixam-se apresar nas garras de um niilismo desolador e anti-humano.

Se bem que não seja uma religião, o

marxismo, não obstante, em suas concepções dialéticas, abarca toda a vida do Ser e do Universo, pelo que toca nos maiores problemas metafísicos e religiosos. Por isso, ante a morte, o marxismo é uma ciência inerme e só se limita a apoiar-se em raciocínios naturalistas que em nada diferem dos que nos dá o materialismo mecanicista e vulgar.

A morte é soberana frente ao marxismo, razão por que toda sua ciência social fica reduzida ao silêncio. O filósofo marxista sabe que seu mestre Karl Marx se perdeu para sempre nas sombras do nada e que seu Ser já não participa do desenvolvimento de sua ideologia no mundo. Mas a nova consciência da humanidade pede algo mais que a existência de um homem mortal: pede aos gritos um novo Ser, uma nova visão do Espírito e da História, uma nova forma de existir que o vincule ao passado, ao presente e ao futuro através de um Ser eterno e atuante, nascendo, morrendo e renascendo para dar forma a uma nova imagem da realidade histórica em cujo desenvolvimento seja ele um ativo e dinâmico protagonista.

Contudo, o marxismo, apesar do vigor social que o caracteriza, é somente uma idéia na mente do homem, chamada, por lei de destruição, a se extinguir e se perder entre as brumas da morte. Daí que o autêntico Socialismo está na Idéia e no Espírito; vive em estado latente na natureza profunda dos seres e na realidade divina e criadora da palavra do Nazareno. Pois não haverá autêntico Socialismo sem a concepção espírita do homem e da sociedade, nem se aplacará a luta de classes enquanto a filosofia da história não souber que a criatura humana, como todo o existente, evolui do menos ao mais por meio de uma palingenesia dinâmica e criadora

que aproxima o homem a Deus, até transfigurá-lo totalmente como Espírito encarnado e desencarnado.

Esta a razão pela qual o Espiritismo é a única base para o estabelecimento na Terra do Socialismo, tal como ressuma do Evangelho de Jesus. O marxismo cumprirá, sem dúvida sua missão histórica, mas será o kardecismo que completará sua obra no que respeita à Justiça Social, para cuja tarefa aplicará no todo o pensamento do Galileu, fonte inesgotável do mais puro e real dos sistemas socialistas.

O presente trabalho merece ser estudado à luz da situação histórica do nosso tempo, pois (repetimos) a penetração do Espiritismo na cultura e nas massas se dará mais facilmente por meio do Humanismo Espírita que pelos fenômenos mediúnicos observados de um ponto de vista exclusivamente científico. Porque então os gabinetes e laboratórios também abrirão suas portas aos deserdados, recordando que Jesus não ficou inativo entre as penumbras da Sinagoga, senão que se mesclou com o povo em meio ao qual realizou sua divina obra de redenção humana.

O filósofo espírita deverá proceder da mesma maneira e o Dr. Jacob Holzmann Netto, destacado intelectual brasileiro, assim o entendeu ao se defrontar com o vigor científico do marxismo contemporâneo.

Humberto Mariotti

Buenos Aires, novembro de 1969.

Do apóstolo Paulo ao discípulo Timóteo na memorável epístola: "Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza. Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá. Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério. Medita estas coisas: ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina: persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem".

*Caríssimos Irmãos em Cristo Jesus:
Que a Paz do Mestre Divino a todos nos envolva!*

1. O IDEALISMO FILOSÓFICO DE GELEY

a) Geley e Kardec

René Sudre, o célebre psiquista que os espíritas tão bem conhecemos pela irreduzibilidade em sua não-admissão da sobrevivência individual e cujos conceitos Ernesto Bozzano refutou com maestria na primorosa obra "Metapsíquica Humana", editada em português pela Federação Espírita Brasileira, teve ocasião de escrever — referindo-se ao Dr. Gustavo Geley e fazendo perfunctória apreciação da filosofia geleyana, como um tributo de admiração à memória do eminente Diretor do Instituto de Metapsíquica Internacional, que acabava de morrer em consequência de um estúpido acidente — René Sudre, dizíamos, teve ocasião de escrever que, "se a filosofia de Allan Kardec pode ser considerada como o ensino introdutório do Espiritismo, a filosofia de Geley é o ensino superior".

A afirmação de René Sudre, se entendida não no sentido de que Geley haja superado e aposentado Kardec, mas no de que Geley desenvolveu e aprofundou as teses de Rivail à luz dos conhecimentos novos e novas descobertas da ciência do primeiro quarto deste século, fará justiça a um e outro, porquanto, em que pese seu escrúpulo — aliás, compreensível e legítimo, quando se atenta para sua posição de diretor de um instituto científico — de não se pronunciar abertamente sobre um tema que sabia lhe carregaria o repúdio da opinião oficial da ciência, o Dr. Gustavo Geley foi um espiritista convicto, aceitando do Espiritismo as três verdades fundamentais (a imortalidade da alma, a reencarnação e a comunicação com os mortos), e, tanto quanto Kardec, que declarara ser de inteira vantagem a quem quer que se queira tornar espí-

rita o estudo prévio da teoria, asseverando, embora sem menosprezo dos fatos, que se poderia abstrair das manifestações mediúnicas sem que a doutrina deixasse de subsistir ("O Livro dos Médiuns", Iª parte, capítulo III, item 32), Geley afirmou que a sobrevivência individual não é tanto demonstrada diretamente pelos fatos metapsíquicos quanto o é indiretamente pela "síntese filosófica racional" da evolução e do indivíduo.

Não obstante separados por uma geração, Kardec e Geley sustentaram, pois, o mesmo ponto de vista; e quem quer que conheça a obra de um e de outro há de reconhecer que o maior mérito do Dr. Gustavo Geley – dilatando, não há negar, a magnífica exposição metódica que o apóstolo lionês teve a audácia de propor numa época de encoscorado materialismo, onde o cepticismo era uma questão de moda e de bom-tom – foi o de ter legado à posteridade seu esboço de uma filosofia racional palingenésica, que, corroborando as assertivas de Kardec, promove autêntica revolução nos postulados assim da Fisiologia como da Psicologia, da Filosofia e das Ciências Naturais, da Religião e da Moral, explicando o até então inexplicável, solucionando o angustiante problema do mal (pedra de toque de todas as teologias), revelando ao indivíduo a razão de seus sofrimentos, fundamentando a legitimidade de suas esperanças de justiça e fraternidade, e afirmando a realização da consciência eterna no desenvolvimento infinito.

b) O Dinamopsiquismo de Geley

O idealismo filosófico de Geley, eminentemente dialético e ainda mais científico do que o sistema proposto por Oliver Lodge em "A Formação do Homem", ele o expõe em seu livro

"Do Inconsciente ao Consciente", que tivemos a oportunidade de ler na edição argentina de "Constancia", e repousa sobre dois postulados capitais:

1°) O que há de essencial no Universo e no indivíduo é um dinamopsiquismo único, primitivamente inconsciente, mas que contém em si todas as potencialidades de suas futuras metamorfoses: as aparências diversas e inumeráveis das coisas não são mais do que meras representações daquele princípio; e

2°) O dinamopsiquismo essencial e criador passa pela evolução, do inconsciente primitivo ao consciente realizador.

O Dr. Geley penetrou, assim, o conhecimento da teoria da unidade substancial, ao concluir que "a forma não é senão uma ilusão temporal", o que corresponde plenamente aos avanços da Física moderna, que hoje fala de materialização e desmaterialização da energia, como a Metapsíquica nos diz de materialização e desmaterialização de forças psíquicas supranormais.

Em termos filosóficos geleyanos, portanto, o organismo não é o indivíduo; pelo contrário, não é mais do que a representação desse indivíduo: "o complexo orgânico se nos oferece não como o indivíduo completo, senão como um produto ideoplástico do que há de essencial no indivíduo - um dinamopsiquismo superior, que é o próprio indivíduo em sua essência".

Considerando o eu como um dinamopsiquismo essencial, Geley destruiu as já frágeis noções da Psicologia clássica, que o tomam como a soma de estados de consciência, e conceituou, sempre assentando suas conclusões sobre os fatos, que o dinamopsiquismo inconsciente ou

subconsciente tende, pela evolução, a converter-se em dinamopsiquismo consciente. Segundo sua concepção, o progresso espiritual e psicológico não é outra coisa que não a conversão dos conhecimentos em faculdades, as quais se adquirem por experiências, através das vidas sucessivas, na evolução palingenésica do ser. Da mesma forma, a evolução é, para Geley, "a passagem do inconsciente ao consciente no Universo": "quanto o indivíduo, também o Universo deve conceber-se como representação temporal e como dinamopsiquismo essencial e real; assim como o organismo não é senão um produto ideoplástico de um dinamopsiquismo essencial, o Universo não se apresenta senão como a formidável materialização da potencialidade criadora".

De acordo com esse princípio, a evolução se resume a um processo de aquisição da consciência, tanto no microcômico quanto no macrocômico, o que explica muito melhor as faculdades evolutivas do que é capaz o transformismo clássico e faz compreender como o mais pode sair racionalmente do menos, posto que a imanência criadora, que está na essência mesma das coisas, possui todas as capacidades potenciais de realização.

"O indivíduo, o ser aparente, submetido ao nascimento e à morte, limitado em suas capacidades, efêmera em sua duração – proclama Geley – não é o ser real, mas tão só uma representação ilusória, atenuada e fragmentária: o ser real, aprendendo pouco a pouco a conhecer-se e a conhecer o Universo, é a chispa divina no caminho de realizar sua divindade, infinita em suas potencialidades, criadora, eterna. Também no Universo manifestado, as diferentes aparências das coisas são meramente a representação ilusória, atenuada e fragmentária da unidade

divina, a realizar-se majestosamente numa evolução sem fim. A constituição dos mundos e dos indivíduos não é senão a realização constante e ininterrupta da consciência eterna, por via da multiplicidade progressiva de criações temporais e de objetivações sucessivas no tempo e no espaço".

E é então que o gênio de Geley opõe seu idealismo filosófico à estreiteza concepcional do existencialismo ateu, que nos arrasta, irresistivelmente, pela perspectiva inalterável da morte e do caos, ao mais negro pessimismo: "existes efemeramente, constróis sem esperança e sem objetivo, lutas sem sentido nem direção, vives para morrer!" Contra tão cru e amargo pessimismo filosófico, só o ensino e a idéia da doutrina palingenésica podem subsistir, devolvendo ao homem seu amanhã e substituindo a visão do nada pela da imortalidade e progresso. Assim, afiançava Geley, "tudo se esclarece: as tumbas deixam de ser tumbas; são asilos passageiros para o fim da jornada das ilusões. E assim como se desvanece, pela idéia palingenésica, o caráter fúnebre da morte, também assim se derrói o monumento de injustiça edificado pelo evolucionismo clássico. Já não há na evolução sacrificados nem privilegiados. Todos os esforços individuais e coletivos, todos os sofrimentos e amarguras desembocarão na realização da justiça e na preparação do bem; mas o bem e a justiça para todos, porque todos teremos contribuído para a justiça e o bem."

"O objetivo da evolução — concluía Geley — é a aquisição da consciência, a passagem indefinida do inconsciente ao consciente; e é por meio dessa passagem que se desenvolvem todas as potencialidades imanentes, configurando a realização coletiva, na evolução, da soberana Inteligência, da soberana Justiça e do soberano Bem!" (1)

2. O MARXISMO COMO DIALÉTICA E COMO MATERIALISMO

Não nos teríamos aventurado a esta breve e imperfeita incursão nas teorias do Dr. Geley – cuja obra, para a melhor compreensão do que vos dissemos, recomendaríamos procurásseis conhecer em apoio de vossa erudição e conhecimento do Espiritismo em seu aspecto filosófico – senão como introdução necessária à nossa tentativa de demonstrar ser o Espiritismo a única doutrina, de quantas se rotulam de espiritualistas, capaz de fazer frente ao materialismo dialético, cujas conquistas no campo social, de irresistível poder persuasivo, avançam e se sobrepõem à civilização pseudocristã, mas que só o Espiritismo poderá completar validamente, deslocando-as na consecução de objetivos infinitamente mais amplos.

Ora, nos dias que correm, o materialismo dialético atinge suas culminâncias, e as atinge porque a experiência tem evidenciado que seu método de conhecimento se apresenta, ao menos até aqui, como o único que pode determinar uma transformação social que propicie a ereção de um novo tipo de sociedade, apto a realizar um maior índice de justiça social pela propriedade coletiva dos meios de produção. Todavia, segundo seus princípios, o homem não é mais uma entidade que conduz a marcha dos fenômenos sociais: é uma simples máquina manobrada pelas forças exteriores. É a matéria que tem proeminência sobre o espírito. "A matéria – disse Lênin – a natureza, o ser, o físico, é o primário; e o espírito, a consciência, a sensação, o psíquico, é o secundário". Toda a dialética materialista parte desse pretendido predomínio da matéria sobre o espírito, ficando este condicionado àquela.

Ao contrário, na dialética de Hegel, o grande filósofo idealista alemão dos princípios do século XIX, os fenômenos materiais outra coisa não são que objetivações da Idéia, e o mundo subjetivo se desenvolve por uma lei de contradições que se opera através de uma tese, de uma antítese e de uma síntese. Em princípio, a filosofia hegeliana corresponde ao mesmo processo da filosofia palingenésica do Espiritismo, conforme o próprio Geley admitiu expressamente. Com efeito, para Geley o Absoluto de Hegel chama-se dinamopsiquismo, o qual evolue do inconsciente ao consciente, de modo que o espírito absoluto do filósofo alemão e o dinamopsiquismo essencial do metapsiquista francês definem uma mesma entidade, e as três fases da dialética hegeliana (tese, antítese e síntese) correspondem, respectivamente, à trilogia espírita do nascer, morrer e renascer.

Sabe-se, por outro lado, que Karl Marx, seguido por Friedrich Engels, inverteu o sentido original da dialética hegeliana, crendo com isso demonstrar que o mundo material é que determina e condiciona a realidade espiritual. O marxismo – ou antes, o materialismo dialético – comporta, pois, um duplo estudo:

- 1º) como dialética; e
- 2º) como materialismo

Estudado como dialética, aproxima-se extraordinariamente do Espiritismo, em sua feição dialética proposta por Geley, que conserva daquela os quatro grandes princípios fundamentais:

- 1º) tudo se relaciona, ou "lei da ação recíproca e da conexão universal";
- 2º) tudo se transforma, ou "lei da transformação universal e do desenvolvimento incessante";

3°) a mudança qualitativa; e
4°) a luta dos contrários, como fundamento e móvel de toda evolução.

Todavia, estudado como materialismo, já o marxismo se distancia erroneamente do Espiritismo dialético, por isso que vem definido por duas características que repugna a este:

1°) a materialidade do mundo; e
2°) a matéria é anterior à consciência.

Partindo daí, pretende o marxismo formular uma concepção científica do mundo; mais ainda, a única científica, isto é, a única que está conforme ao que ensinam as ciências. E, por conforme ao que ensinam as ciências, apresenta-se como uma visão total do homem e do mundo. Mas essa visão do mundo e do homem, em que pese a pretensão dos teóricos do marxismo, está muito longe de ser total, e nisso consiste sua maior falha; está longe de ser total porque desconhece, ou finge ignorar, os progressos da Parapsicologia e, *ipso facto*, a realidade metapsíquica do homem, que hoje não mais comporta dúvidas. Efetivamente, ainda que os parapsicólogos modernos não reputeem suficientemente provada a sobrevivência individual, reconhecem que a mente transcende a matéria, ou seja, transcende as limitações do tempo e do espaço, o que vale por um desmentido cabal da clássica afirmação de Engels, um dos filósofos do materialismo dialético, de que "as formas essenciais de todo ser são o espaço e o tempo, e um ser fora do tempo é um absurdo tão grande quanto um ser fora do espaço". As mais recentes constatações da Parapsicologia rechaçam, portanto, a concepção materialista do universo e revalidam a posição do Espiritismo, que encontra naquela sua sanção

perante a ciência de nossos dias.

a) Os Dogmas do Materialismo Dialético

Um estudo despretensioso, qual o a que vimos procedendo, não comporta uma refutação completa dos dogmas do materialismo dialético, que já se tornam insustentáveis em face do avanço da ciência metapsíquica; e dissemos dogmas mas propositadamente, embora isso muito escandalize aos teóricos do marxismo, porque afirmar, como questão de fé, a materialidade do mundo, quando a Parapsicologia faz essa afirmação resultar assaz discutível, é uma atitude tão dogmática quanto a do Espiritualismo religioso clássico, que parte de verdades reveladas e estabelecidas *a priori*, às quais os fatos deveriam adaptar-se *a posteriori*. Vemo-nos assim forçados a fugir, pela exigüidade de tempo, à atraente tarefa de refutação dos dogmas do materialismo dialético, preferindo antes remeter-vos à leitura de duas obras que executam essa tarefa de maneira completa e brilhante: "Espiritismo Dialético", de Manuel S. Porteiro, e "Parapsicología y Materialismo Histórico", de Humberto Mariotti, ambas publicadas por "Editorial Victor Hugo", de Buenos Aires. (2)

Digamos apenas que os teóricos do marxismo erram ao basear seu sistema na descontinuidade biopsíquica, esquecidos de que a descontinuidade morfológica não importa necessariamente a descontinuidade da vida. Em todo ser vivente (e pelo simples fato de ser tal), há um elemento substancial psicodinâmico, que transcende a matéria e as limitações do espaço e do tempo, como o demonstram as pesquisas parapsicológicas; há um elemento substancial psicodinâmico, que permanece essencialmente idêntico a si

mesmo, apesar de sofrer modificações e estar sujeito à lei de evolução e perfectibilidade. A evolução não tem o poder de mudar a essencialidade das coisas; supõe, ao contrário, uma causalidade essencial, sem a qual não se concebe nenhum desenvolvimento progressivo. O movimento e o tempo não podem criar, por si sós, o que não existe: só evolve o que tem existência potencialmente ou em desenvolvimento. Não se passa do não-ser ao ser, nem da quantidade à qualidade, senão em virtude de uma existência e uma qualidade análogas anteriores, de uma causalidade substancial que as compreende, desenvolve e modifica. Não se pode conceber nenhuma transformação, nenhuma mudança morfológica fundamental, sem uma causa essencial persistente, sem continuidade biopsíquica, sem um elemento organizador e diretor da matéria, que leve em si mesmo, potencialmente, as possibilidades de suas futuras metamorfoses.

"Como — pergunta o Dr. Geley — o réptil, antepassado da ave, teria podido adaptar-se a um meio que não era o seu, nem poderia sê-lo senão depois da passagem da forma-réptil à forma-pássaro?" Sem dúvida, tal mudança fundamental de forma não pode efetuar-se em função da necessidade, porque o réptil não tinha necessidade de voar nem por acaso; porque o acaso não lograria operar o milagre de transformar um réptil em ave, nem muito menos porque a matéria tivesse desejos de criar asas e voar. Esse fato reclama uma causa essencial, um poder psicodinâmico que obre de acordo com um fim, uma continuidade biopsíquica que condicione o organismo, ainda que à força de tentativas e erros, a nova forma de vida. "À concepção da evolução tão somente pela ação dos fatores externos, o testemunho do inseto — diz o Dr. Geley — opõe suas transformações, suas metamorfoses formidáveis

e, por assim dizer, espontâneas, dentro de uma crisálida fechada, subtraída em grande parte à ação dos fatores exteriores. À concepção da evolução contínua e ininterrupta por assimilação funcional, o testemunho do inseto opõe suas alterações progressivas e regressivas durante sua vida larval e opõe, sobretudo na crisálida, o incrível fenômeno da histólise, reduzindo a maior parte de seus órgãos a uma papa amorfa, antes das transformações iminentes". O resultado desses fatos (e de muitos outros análogos) é que tais metamorfoses, necessárias à morfologia do inseto perfeito, reclamam um princípio diretor, inalterável e imanente, ou seja, a continuidade biopsíquica, através das formas e qualidades passageiras.

A causa essencial da evolução não está, pois, na influência do meio exterior, nem nas reações da matéria orgânica em presença dessa influência, mesmo que o meio atue como fator secundário ou como causa da transformação, mas num dinamismo psíquico biocêntrico, independente, superior e diretor da matéria orgânica – o princípio essencial da vida, que Leibnitz entreviu na concepção da "mônada" e Claude Bernard configurou na "idéia direttriz": em última análise, o princípio anímico, o elemento Espírito, que evolue indefinidamente do inconsciente ao consciente.

A continuidade biopsíquica não implica a continuidade morfológica: as formas passam e desaparecem, mas a vida psíquica permanece essencialmente a mesma; é ela que se aperfeiçoa e evoluciona, dando progresso e perfeição relativos às formas que cria e desenvolve, e, quando estas chegam ao máximo de seu desenvolvimento, desaparecem ou se fundem em outras sob a ação psicodinâmica do ser vivente, que as trabalha

para a realização de um fim específico ou que transcende o limite da espécie. As espécies, tanto quanto os indivíduos, podem desaparecer e deixar nos fósseis os vestígios de sua existência, mas a vida psíquica que as animava persiste em outras espécies próximas, em outras individualidades, sem deixar de ser a mesma vida, o mesmo dinamopsiquismo, a mesma essência.

De maneira que, à semelhança do materialismo dialético, também o Espiritismo considera toda forma material em estado de movimento: na evolução, tudo é trânsito para lograr formas e qualidades novas, tudo está em perpétuo vir a ser, sem ser nunca coisa perfeita, definitivamente acabada. Todavia, ao contrário daquele, o Espiritismo dialético supõe o Universo material e todas as formas dos seres objetivos, animados de um dinamismo biopsíquico que não se altera em sua essência. O que muda e se transforma continuamente são as formas e qualidades, não a essência íntima das coisas.

Como? — perguntará o materialista, para quem o espírito e seus atributos outra coisa não são além do resultado da fisiologia cerebral. Como? Pode existir alma, espírito, consciência etc., sem sujeito, isto é, sem cérebro? Os espíritas afirmamos que sim, e os fatos nos dão razão. São numerosos, nos anais médicos, os casos de indivíduos que viveram e pensaram, por longo tempo, com o cérebro feito papa, seccionado no bulbo ou convertido em tumor ou água, fatos que desmentem a mitologia das localizações cerebrais absolutas. O cérebro, portanto, não cria coisa alguma; é mero instrumento de manifestação de um princípio que o dirige e ultrapassa. A matéria, em suas múltiplas e variadas formas vitais, não é criação, porém manifestação de vida. E a vida psíquica insufla todos os seres viventes e se manifesta de diversos modos

e em diferentes graus de desenvolvimento. Nada é, pois, absolutamente descontínuo na evolução da vida em si: só a aparência das formas materiais transitórias pode sugerir tal descontinuidade. Ao contrário, tudo se encadeia e tende para a unidade, numa aspiração teleológica constantemente renovada pelo poder psicodinâmico do espírito, que evolui infinitamente.

b) A Economia como Fator Essencial do Determinismo Histórico

O materialismo dialético, negando a continuidade biopsíquica, nega conseqüentemente a finalidade da vida e incide no mesmo erro do existencialismo ateu: o homem resulta um ser criado para a morte e o nada, conseqüência lógica de suas premissas e que muito lhe amesquinha a pretendida visão total do homem e do mundo.

Mas onde essa visão se torna claramente insuficiente é quando se põe a examinar a história, cuja força motriz o marxismo concentra exclusivamente no fator econômico. Para Marx e Engels, a história da humanidade é a história da luta de classes, a qual repousa na base econômica da sociedade e não na consciência dos indivíduos, como se, suprimindo-se a consciência dos indivíduos, pudesse haver luta de classes... De acordo com esse conceito, a humanidade não se move essencialmente senão por necessidades materiais, dependendo destas as necessidades de ordem espiritual, e não persegue nenhuma finalidade: o fator essencial da evolução humana não radica no homem, em nenhum princípio de justiça inerente a sua natureza psíquica, não está na causalidade eficiente e teleológica (o espírito), que leva em si mesma o poder virtual de modificar

sua existência e aperfeiçoá-la, condicionando os meios a seus fins, a suas necessidades materiais e espirituais, ou adaptando-se às condições naturais e do meio social já estabelecidas, com a tendência ou predisposição para melhorá-las. Na conceituação marxista, o fator essencial do determinismo histórico é a economia: o modo de produção material de uma época determina o modo de pensar dessa mesma época. A economia e a infra-estrutura de toda sociedade: ciência, filosofia, religião, moral, ideologia são a super-estrutura, o reflexo da economia, seus epifenômenos, seus derivados. Segundo esse determinismo materialista da história, o material condiciona e determina o espiritual, a sociedade determina e condiciona o indivíduo, e este não é mais do que um produto da sociedade, como o espírito é um mero produto da matéria.

O materialismo histórico se apresenta, assim, ainda que a isso reajam os teóricos do marxismo, como um determinismo fatalista, cuja força motriz é o fator econômico: nele, o cego (a matéria) comanda o que vê (o espírito); o acaso supre a consciência e a inteligência, o poder psicodinâmico teleológico das forças revolucionárias individuais e coletivas. E é determinismo fatalista porque os próprios teóricos do marxismo o fazem ressaltar inconscientemente como tal, seja Lafargue, quando diz que as forças econômicas da produção capitalista arrastam fatalmente a sociedade ao socialismo; seja Marx, quando sustenta que, no conflito dos interesses sociais, as vontades e os propósitos pessoais se entrechocam e se anulam, e o que resulta é aquilo que ninguém quis nem desejou; seja finalmente Engels, quando coloca a causa essencial e determinante do progresso "atrás" e fora do homem, impulsionando-o ao acaso. Determinismo fatalista, sim, porque obedece à cega

necessidade, a qual, por ser cega (como o acaso), é tão anticientífica quanto este e não sabe para onde vai nem porque vai; determinismo fatalista, em contraposição às aspirações teleológicas do Espiritualismo religioso clássico, que é também, por lógica, determinista e que — diga-se de passagem — embora irracional, tem ao menos a vantagem de saber aonde vai e o que quer...

3. O CONCEITO DINAMOGENÉTICO DA HISTÓRIA SEGUNDO O ESPIRITISMO DIALÉTICO

O marxismo — ou antes, o materialismo histórico — queiram ou não seus teóricos, oferece-nos uma visão apenas parcial e insuficiente da história. Bem mais amplo é, entretanto, o conceito dinamogenético da história que nos propõe o Espiritismo dialético: tanto quanto no Universo, também na história tudo se move e se transforma em constante renovação, nada é permanente e igual a si mesmo em dois momentos históricos diversos, mas tudo vem a ser, mudando perpetuamente de lugar e de tempo, de quantidade e de qualidade; a história não se repete e não se detém, nem há nela dois fatos idênticos ou que possam ser transplantados a diferentes meios e épocas com idênticos resultados; tudo se modifica sem cessar, sob a ação da lei dos contrários (fundamento, móvel e razão de ser de toda evolução), pois que, sem a luta de dois princípios aparentemente antagônicos, mas que se complementam e se solidarizam na consecução de um único objetivo, não se pode conceber a evolução, senão a inércia, o eterno repouso. Tudo, pois, se renova continuamente, tanto nos indivíduos como nos povos, no material e no espiritual, elevando-se de umas formas a outras mais perfeitas, de um progresso a outro progresso maior, que resume os progressos anteriores, e de uma civilização a outra mais pujante, que representa a síntese de dois regimes antagônicos a se fundirem num terceiro, distinto de ambos e que marca um novo ciclo na história da humanidade.

Todavia, esse movimento progressivo incessante não se realiza mecanicamente, nem tao só em função dos fatores materiais, que são causas concorrentes, mas não a causa essencial da evolução. O homem não é um veículo que a necessidade empurre por detrás e ao acaso, como

pretendem os mestres do materialismo histórico, porém leva em si mesmo a força motriz e diretora de suas decisões, capaz de dominar as forças materiais da história, de reagir contra o meio, contra a estrutura econômico-social, e traçar novos rumos à sociedade.

De modo que, tanto quanto o materialismo histórico, o Espiritismo considera os fenômenos históricos em seu movimento causal, encadeando-se harmonicamente uns aos outros; contudo, por motivos de ordem científica e filosófica, evidenciados nos fenômenos biológicos e psíquicos, repele a causalidade cega a impulsionar a evolução ao acaso.

Se há progresso no desenvolvimento da humanidade, esse progresso deve obedecer necessariamente a uma lei — lei de ordem forçosamente intelectual — em virtude da qual os fenômenos históricos se encaminham a um fim cada vez mais elevado; e esse fim, indefinido, reclama — também necessariamente — uma direção. Pois, se não existira progresso nem finalidade, nem conseqüentemente direção, o mecanicismo, o fatalismo histórico se imporia iniludivelmente, e os teóricos do marxismo não negam o progresso, antes o desejam e o apontam na construção do comunismo. Ora, porque o progresso é evidente, a sociedade não é um simples mecanismo, nem os homens são meras engrenagens que se movem, cegamente, ao impulso de forças exteriores. Ao contrário, a sociedade é também um dinamopsiquismo, que põe em movimento os elementos da vida material e ao qual cada indivíduo vem somar sua cota de esforço ao progresso adquirido, com a contribuição de sua vontade e sua inteligência, com suas idéias, seus sentimentos e ações.

Não há, é certo, na sociedade humana, uma finalidade de conjunto, nem poderá haver

enquanto os interesses e as aspirações não sejam comuns. É que a direção da sociedade não depende da própria sociedade em seu todo, mas dos indivíduos e coletividades cujas ideologias revolucionárias marcham na vanguarda do progresso moral e social, terminando por impor-se à consciência dos povos. São as tendências particulares – individuais e, por afinidade, também coletivas – as que, triunfando das tendências gerais e, por isso mesmo, conservadoras, traçam direção à sociedade; e quando essas tendências particulares se generalizam e vencem as condições do processo social, tornando-se por sua vez conservadoras, outras tendências – intérpretes de novas necessidades tanto materiais quanto espirituais e com uma visão mais avançada do progresso – nascem em seu seio e imprimem novo rumo à sociedade. E assim, de ciclo em ciclo, a humanidade se eleva de umas formas a outras cada vez mais perfeitas, de um progresso a outro maior, de uma civilização a outra civilização.

Na marcha da humanidade, desde seu alvorecer até o presente, houve relações, encaideamentos, influências e determinismo, porém não houve coordenação universal de propósitos para atingir um fim social comum, conscientemente deliberado pela totalidade de seus membros. A visão desse fim é individual – e, por afinidade ideológica, coletiva – e se deve aos indivíduos moral e intelectualmente mais capacitados, cujo poder de intuição fá-los superar os horizontes alcançados pela maioria. Portanto, se há um determinismo histórico – e os espíritas o reconhecemos desde Allan Kardec (leia-se o capítulo final de "A Gênese") – esse determinismo não vai ao ponto de anular o livre-arbítrio, nem sequer está absolutamente condicionado ao fator econômico, que é apenas um dos muitos fatores,

de natureza material e espiritual, que intervêm no processo da história (especial e essencialmente, o fator-homem, sem o qual não há economia social), cabendo aos indivíduos que persigam ideais de emancipação econômica e social, conseqüentemente, confiar mais em suas forças espirituais, em seu valor moral, em suas idéias, do que no cego determinismo econômico que, por isso mesmo que é cego, reclama direção e finalidade.

O marxismo, encarando a história do ponto de vista objetivo e o Universo por via das ciências empíricas e experimentais, além de alhear-se às conclusões da Parapsicologia, que o sucedeu no desenvolvimento científico da humanidade, não descobre senão fatos, causas fenomenológicas e relações causais, mas a lei geral e complexa, a causalidade essencial do Universo e da história lhe escapa. O mundo fenomenal não se explica por si mesmo. Para ter conhecimento cabal das coisas em particular e do Universo em geral, há que remontar do fenômeno ao princípio substancial, do visível ao invisível, da forma à idéia, da matéria ao espírito, desentranhando a lei que rege e unifica o verdadeiro conceito gnoseológico tanto da história como do Universo. Quando considerem a história da humanidade como a continuidade de um processo biológico e histórico, evoluindo através de formas de vida e de sociedade enlaçadas em suas relações causais e transmudando em formas superiores e cada vez mais perfeitas, e ao mesmo tempo como um processo espiritual, através de sucessivas existências encarnadas nas formas biológicas, mas encadeada a causalidade espírita dessas existências no determinismo histórico, então os historiadores terão principiado a conhecer as verdadeiras raízes da história.

a) A Interpretação Homem-Sociedade

Se, para o materialismo econômico, as gerações que se sucedem no desenvolvimento histórico são estranhas e desvinculadas umas das outras, vindo do pó para ao pó retornar, já o Espiritismo afirma, com base nos fenômenos metapsíquicos, que o homem não é somente um produto fisiológico a desenvolver-se em determinado meio geográfico e social, limitada sua trajetória ao curto período que separa o berço da tumba, mas é sobretudo um espírito imortal, que transcende os limites da existência terrena; pre-existe ao nascimento do corpo e sobrevive a sua destruição. A evolução do espírito se processa infinitamente, em existências sucessivas, através do tempo e do espaço, do que resulta que cada espírito humano, no conceito reencarnacionista, tenha seu determinismo próprio, sua causalidade psíquica e moral, seu próprio processo evolutivo; porém todos esses processos individuais se encadeiam uns aos outros e se renovam sem cessar, seguindo ao mesmo tempo o determinismo da história. Assim, nessa incessante renovação da humanidade e de seus valores morais e intelectuais, cada ser que volta ao mundo engrena sua própria causalidade no determinismo histórico; e do conjunto de todas as séries causais se forma um determinismo mais amplo, que solidariza o mundo espiritual com a humanidade corpórea em perpétua e reconfortante interpenetração. Matéria e espírito, sociedade e indivíduo, meio e homem reagem reciprocamente um sobre o outro, complementando-se na consecução de um único objetivo: a evolução universal. Tanto o meio age sobre o indivíduo quanto este age sobre aquele: uma vez no plano terrestre, o espírito fica não

apenas vinculado à matéria e sujeito a suas leis e necessidades, como ainda ao determinismo da história, dentro do qual deve evoluir e desenvolver o curso de sua existência; todavia, o determinismo histórico depende, por sua vez, da direção que lhe tracem as novas influências individuais, que serão tanto mais benfazejas à humanidade quanto mais evolvidos intelectual e moralmente sejam os indivíduos e mais empreendedora a atividade que exercitem nessa direção.

Em síntese, o Espiritismo dialético conclui que, se a estrutura político-econômica da sociedade, o meio social, a educação etc. exercem poderosa influência sobre os seres que se engrenam no desenvolvimento histórico, com vistas a um fim inconscientemente previsto e desejado, mas só gradativamente cognoscível e realizável, esses mesmos seres, por sua vez, com sua influência pessoal e também coletiva, transformam, constantemente ou de súbito, a estrutura político-econômica da sociedade, o meio e a educação, e dirigem o determinismo histórico àquele fim, sempre perfectível, por meios cada vez mais justos e elevados. E é assim que, conciliando o determinismo histórico com a lei de causalidade espírita (karma), o Espiritismo define sua ideologia própria, que se distancia a um só tempo do individualismo histórico de Emerson e do fatalismo histórico de Santo Agostinho, que não é nem o puro idealismo de Hegel, com o qual se identifica parcialmente, nem é o materialismo absoluto de Marx e Engels, cujas verdades parciais lhe aproveitam, mas configura a síntese maior do conhecimento humano, lançando nova luz sobre a grande questão do nosso século: o avanço irrefragável do socialismo, com uma escatologia fascinante e de forte apelo humanista, que ameaça destruir o imobilismo espiritualista.

4. A FALÊNCIA DO ESPIRITUALISMO RELIGIOSO CLÁSSICO

Por divorciada da realidade social de nossos dias, sente-se o esvaziamento progressivo e alarmante da fé religiosa, o que bem reflete a insuficiência dos credos tradicionais para responder às ânsias libertárias do homem hodierno. Por isso mesmo, teóricos religiosos das mais variadas confissões eclesiásticas combatem ferrenhamente o marxismo, fazendo-o todavia mais no interesse de um "partidismo de igreja", como diz o Dr. Humberto Mariotti, do que no interesse universal da humanidade. Os credos da atualidade, misoneístas quando não retrógrados, lutam pela manutenção do *status quo* e na defesa de seus privilégios milenares, mas estão inabilitados a enfrentar o marxismo numa discussão filosófico-científica, porquanto se baseiam em verdades reveladas, impostas pela fé cega e que não admitem qualquer discussão. Atacar sistemas partidariamente, fugindo à discussão e apenas por temer a morte numa tentativa desenfreada de sobrevivência às realidades novas, é atitude irracional e anticientífica.

Ora, o espiritualismo religioso clássico sustenta a existência do espírito, mas não a prova nem a pode provar, a menos que se disponha a aceitar a ciência espírita como base de suas afirmações, coisa que dificilmente fará, por intransigente na salvaguarda de seus dogmas; mas, se a existência do espírito é uma irrealdade, todo o sistema religioso dominante resulta comprometido e carunchado, garantindo a vitória do materialismo e, conseqüentemente, do marxismo. Enquanto isso, a ideologia marxista se fundamenta na ciência experimental, de que faz

derivar suas conclusões materialistas, referentes à origem da vida, e unicamente uma contraprova científica poderia obrigá-la a mudar de orientação. Sim, porque, se o marxismo repele a espiritualidade do mundo e da história, não o faz por ódio a essa idéia, mas simplesmente porque nem a Igreja nem o idealismo lhe fornecem a prova experimental da realidade espiritual do homem e também, forçoso é reconhecer, porque identificou, com boa dose de razão, a ideologia espiritualista à submissão econômica e social do homem aos regimes reacionários e conservadores, dos quais ela tem sido o sustentáculo, mantendo a consciência social imersa na ignorância e na superstição, no fanatismo, e jamais favorecendo a liberdade e o direito das classes desprotegidas.

Em verdade, só o Espiritismo é capaz de forjar um *realismo espiritual* que suplante o realismo marxista, opondo fatos a fatos e demonstrando, através dos fatos, que o metafísico existe e é uma realidade. E, quando a pugna se resume a uma luta entre o espírito e a matéria, o Espiritismo não pode nem deve calar-se: cabe-lhe intervir na discussão e provar a insuficiência do marxismo como visão total do homem e do mundo.

a) A Razão de Ser do Homem de Marx

Entretanto, lembra com propriedade o Dr. Humberto Mariotti, o homem de Marx, embora concebido como um mero composto físico-químico, como um organismo material governado e conduzido pelos modos de produção, revela-se já melhor do que o "homem velho", dependente da exploração

capitalista e forçado a vender sua força de trabalho como mercadoria. O homem de Marx, teoricamente, é um ser liberado da exploração econômica, mas cumpre-se-lhe aditem as virtudes de que ainda carece: é um homem insuficiente, porque sem perspectivas metafísicas e amesquinçado em suas dimensões espirituais, incapaz de satisfazer o anelo de imortalidade que o espírito humano alimenta em suas entranhas. Marx exigiu mais desse homem do que lhe podia ofertar: esqueceu que um homem chamado a promover a transformação do velho mundo e convulsionar a sociedade decadente, a construir o mundo do futuro, não devia morrer. O homem de Marx, que termina na morte e no nada depois de se haver sacrificado pela ereção de uma civilização mais humana e mais justa, não tem quaisquer vinculações palingenésicas com o processo histórico: nasce e morre desconhecendo o sentido da luta e a finalidade de sua existência. O desejo de emancipar o homem da escravidão econômica, a fim de alçá-lo à condição de cidadão livre e enobrecido pela nova ética do trabalho, levou Marx a bosquejar um homem sem implicações com o espiritual e o eterno. Credo que o espírito representava um entrave para o advento de uma sociedade sem classes, porque tanto o filósofo idealista quanto o religioso sufocavam as reivindicações dos oprimidos ao falar-lhes de uma hipotética felicidade ultraterrena, com o que legitimavam a indiferença e o egoísmo dos opressores, o autor de "O Capital" preferiu matar o homem espiritual e suas poéticas esperanças de recompensa no mais além, atendo-se tão somente à realidade das coisas objetivas, e concebeu um homem material, cujo destino não ultrapassa sua morte física. Marx acreditava que a verdade jamais submete o homem, antes o eleva e melhora suas condições de vida social, e sentiu que o tipo de verdade espiritual que pregavam os teóricos do cristianismo, pelo menos até meados do

século XIX, era o que convinha à exaltação dos potentados sobre as agruras dos humildes. Rechaçou, portanto, essa verdade espiritual sancionada pela estrutura social vigente e chegou à conclusão de que a única realidade se encontra no mundo físico e na vida material do homem, sustentando que a ciência e a verdade libertam o indivíduo e que toda idéia religiosa, tendente a sujeitá-lo com vãs promessas pós-mortais, é uma falsa verdade, ou um argumento das forças reacionárias para deter o advento da justiça social e da democracia. Todavia, se o homem de Marx – assim justificado – é um erro em seu aspecto espiritual, é não obstante uma verdade em sua face social: o gênio de Marx demonstrou a inteligência humana que o socialismo, ou o regime da propriedade coletiva dos meios de produção, é o que melhor atende aos anseios de liberdade e justiça da nova humanidade.

5. A CONCILIAÇÃO DO SOCIALISMO COM A REALIDADE ESPIRITUAL

a) Materialismo e Socialismo

Karl Marx, ao erigir o socialismo que ele classificou de científico em contraposição ao socialismo utópico de seus precursores, julgou ser irreconciliável o socialismo com a realidade espiritual do homem; contudo, ao contrário do que ele supôs, o materialismo não é de modo algum essencial nem ao socialismo e nem à ciência, e é mesmo uma lástima que a palavra socialismo esteja hoje comprometida com a ideologia marxista como um todo, pois que a comunidade de bens, ou propriedade coletiva, antes que ao marxismo pertence, como sistema social, ao primitivo cristianismo. Marx e Engels criaram o socialismo científico sobre os alicerces da ciência de sua época; por isso, suas teorias assumiram uma forma necessariamente materialista. Aplicando-se unicamente à consideração do mundo material, que é apenas um dos aspectos da realidade, a ciência do século XIX foi materialista e, além de materialista, foi também dogmática, como dogmático é o marxismo. Hoje, porém, a ciência enfrenta problemas e enigmas antes insuspeitados e que a forçam a abandonar sua crença acentuadamente materialista: a técnica moderna pôs o homem em contacto com aspectos novos da realidade e, em face da Física quântica e da teoria da relatividade, até o conceito clássico de matéria perde seu sentido e sua razão de ser; a Medicina é agora psicossomática; tanto a Biologia quanto a Psicologia tiveram de se defrontar com a realidade da psique, que se expressa além da conduta e dos processos fisiológicos; e a Parapsicologia, provando que a mente transcende

a matéria e independe de suas leis, está a um passo de admitir, por decorrência lógica de suas premissas, a sobrevivência do psíquico ao material. Despojada assim do dogma do materialismo absoluto, a ciência moderna deslegitima o marxismo como base única e indiscutível para o socialismo.

Falar hoje em socialismo é correr o risco de ser apressadamente rotulado de comunista e ateu; mas lentamente se esboça a possibilidade de conceber-se uma solução socialista diversa da proposta por Karl Marx. Albert Einstein, que nunca deixou de ser profundamente deísta e espiritualista, admitiu expressamente essa possibilidade e reconheceu como inevitável a marcha da humanidade para o socialismo, em sua busca incansável de justiça e equidade para todos.(3) De Einstein para cá, o que se tem observado é a adesão entusiástica das elites intelectuais de todo o mundo aos fins preconizados pelo socialismo, e já deixa de ser temeridade que nos afirmemos também socialista. Somos, sim, socialista, como socialistas têm sido Leão Tolstói, Madame Curie, Gabriela Mistral, Albert Einstein e Helen Keller; somos, sim, socialista, mas estamos procurando conceituar o socialismo sobre bases nitidamente espíritas, seguindo as pegadas pioneiras de Porteiro e Mariotti.

b) Socialismo e Espiritismo

Ora, se a própria Igreja tem agora sua doutrina social, fundamentada em dois de seus maiores papas – Leão XIII e João XXIII, homens de apreciável visão e invejável equilíbrio – por que não a teria o Espiritismo? Se Frei Carlos Josaphat, à semelhança de um Abbé Pierre

e de um Padre Lebret, não se acovarda ante a questão social e a encara objetivamente em seu livro "Evangelho e Revolução Social", encarnando o próprio ideal da revolução no seio do povo brasileiro, não vos parece estranho que os espíritas nos omitamos e permaneçamos alheios a ela? Não sentis que o Espiritismo, longe de ser o "ópio do povo", deve assumir a defesa e a vanguarda dos ideais de justiça e renovação? Não percebestes que o Espiritismo, dialeticamente considerado, não apenas supera o marxismo, senão ainda se insinua como a base natural de um socialismo mais autêntico? que só o Espiritismo nos dá uma visão total do homem e do mundo? que, se o homem de Marx é uma verdade parcial, o homem de Kardec pode ser uma realidade integral, afirmando-se progressivamente em sua face espiritual e em seu aspecto social? que o homem de Marx tem uma só perna e o de Kardec é bípede e completo?

Não vos parece que, aferrando-nos os espíritas à manutenção do "status quo" e de todo um sistema político-econômico condenado à extinção por suas próprias contradições internas e pela injustiça que o caracteriza, estaremos também condenando o Espiritismo a morrer em meio a derrocada do carunchoso arcabouço da civilização do dinheiro, da concorrência iníqua, da desigualdade econômica, da corrupção e do espírito possessivo? Não vos escandaliza constatar que o materialismo encampa os reclamos dos pobres e deserdados, prometendo-lhes a paz e a justiça, enquanto os espíritas nos opomos ao progresso social, à marcha natural da história e tememos denunciar os males de um regime inteiramente assentado na exacerbação do egoísmo? Não é paradoxal que os espíritas – que pregamos a evolução como medida comum dos indivíduos e dos povos, dos mundos e das constelações – nos

cheguemos à nau que já quase aderna, sob o pretexto de que tudo está bem e deve permanecer como está, porque tal é a vontade de Deus, esquecidos de que Deus nos criou para o perpétuo evoluir e chamou-nos a compartilhar a construção geral do progresso? Não é paradoxal nossa reação à força evolutiva da história?

Lembremo-nos de que o Espiritismo não é mais um subproduto da sociedade materialista e burguesa, nem se concebe que lhe assuma a inglória defesa; é antes a condenação cabal do materialismo burguês e religioso, que corrompe e avilta, amesquinha e insensibiliza o homem, tornando-o mais egoísta e mais voraz na ânsia da posse e na ambição sem limites.

Debalde se objetara que a desigualdade social e econômica é inarredável porque a lei de causalidade espírita prescreva que haja para sempre ricos e pobres, pois, se assim fora, teríamos de sustentar que também haverá para sempre bons e maus na humanidade, conclusão que repugna ao evolucionismo espírita; tanto mais que a história nos ensina que as classes favorecidas foram sempre minoria perante as multidões esfaimadas e oprimidas, sendo de perguntar onde haveria tanto espírito de mau rico para animar tanto corpo desnutrido e pobretão... A reencarnação ou lei palingenésica não justificará jamais, por si só, os desníveis sociais, porquanto a lei de causalidade espírita não determina as formas de sociedade; ao destino individual falta força histórica para estabelecer um regime social baseado no sistema de propriedade privada. As condições sociais e econômicas são meramente circunstanciais para o espírito e de modo algum indispensáveis a sua evolução moral, num grau superior dessa mesma evolução. A lei de renascimentos origina destinos individuais, mas não pode, sozinha, engendrar regimes sócio-políticos;

tivesse ela esse poder, seríamos forçados a aceitar a perpetuidade do sistema capitalista de vida, o que desfaz toda possibilidade de progresso e encarcera a humanidade toda num círculo vicioso, em que o plebeu de ontem é o nobre de anteontem e o proletário de hoje é o capitalista de ontem, e assim indefinidamente.

Nem é válido objetar que o Espiritismo não pode ocupar-se de assuntos político-sociais por não ser deste mundo o Reino do Cristo. Demonstraria fraco entendimento da filosofia cristã quem nela pretendesse ver um instrumento de acomodação e conformismo, quando — configurando um caminho para a paz e a construção do Reino de Deus entre os homens — é ela, acima de tudo, um brado de libertação e de luta, pois que não haverá paz enquanto houver injustiça. A interpretação individualista do Evangelho é atitude que agrada e convém aos credos tradicionalistas, porém não ao Espiritismo, que lhe ressalta a dimensão social, afirmando que o Evangelho deve ser o patrimônio comum do povo. E, depois, ai de nós — espíritas — se não nos decidirmos por fundamentar uma sociologia de inspiração espírita sobre os fenômenos da coletividade! Seremos então relegados à margem do progresso social, como uma esdrúxula religião de alienados e fanáticos, sem conteúdo filosófico nem estruturação científica...

O Espiritismo tem de ser também sociológico, sob pena de desfigurar-se e fugir ao próprio pensamento kardecista, que lhe constitui o núcleo (4). Se fordes ao capítulo final de "A Gênese" ("São Chegados os Tempos"), lá encontrareis dezenas de afirmações que bem assinalam o papel reservado ao Espiritismo na construção de uma nova humanidade. Seria bom e proveitoso que os espíritas nos compenetrássemos da grandeza desse papel, principiando por aceitar

o socialismo como uma aspiração ética, científica e filosófica, enraizada na consciência das almas evolvidas que clamam por justiça e fraternidade, e não como um fenômeno exclusivamente político, se bem que seu advento pela ação meramente política e social, liberando o homem da moral capitalista, resulte uma etapa útil para o progresso do gênero humano, porquanto a revolução social do socialismo deverá ser complementada pela revolução espiritual e definitiva do Espiritismo. E o socialismo, enfim espiritualizado pelo ideal espírita, será a grande força histórica que nos há de levar à realização individual e coletiva dos postulados cristãos.

O cristianismo, como Frei Carlos Josaphat admite e propala, é a negação peremptória do sistema capitalista; e não só deparareis, no Evangelho, numerosos versículos que legitimam o regime de propriedade coletiva, como ainda ficareis sabedores, nos Atos dos Apóstolos, de que os primitivos cristãos viviam em comunidade de bens.

Também não podereis alegar que a Doutrina dos Espíritos repele o instituto da propriedade coletiva dos meios de produção, pois, se é certo que Allan Kardec, em comentário à pergunta n° 882 de "O Livro dos Espíritos", assevera que a propriedade é um direito natural, tão sagrado quanto o de trabalhar e de viver, tem o cuidado de esclarecer que se trata da propriedade que resulta do trabalho, e os Espíritos, em resposta à questão n° 884, que deve ser cotejada com a de número 808, definem que "propriedade legítima só é a que foi adquirida sem prejuízo de outrem", o que dificilmente acontece num regime em que os meios de produção são suscetíveis de apropriação particular. E ainda mais enfática é a resposta dos Espíritos à pergunta n° 885: "É fora de dúvida que tudo o que legitimamente se adquire constitui uma propriedade.

Mas, como havemos dito, a legislação dos homens, porque imperfeita, consagra muitos direitos convencionais, que a lei de justiça reprovava. Essa a razão por que eles reformam suas leis, à medida que o progresso se efetua e que melhor compreendem a justiça. O que num século parece perfeito afigura-se bárbaro no século seguinte".

Da mesma forma, é infundada a alegação de que a igualdade entre os homens é impossível e que, por isso, o socialismo é impraticável. Desconhece absolutamente o socialismo quem o suponha igualitarista: o socialismo não apenas reconhece a desigualdade, como ainda não pretende eliminar ou ignorar as disparidades que são da natureza humana, ou — diríamos nós — que são inerentes ao grau evolutivo e à necessidade cármica de cada um; a desigualdade que ele se propõe corrigir é aquela criada pelo regime social, sobreposta e acrescentada à desigualdade natural e biológica, quando não psíquica e espiritual.

Como último argumento, recorreremos à autoridade do próprio Cristo, servindo-nos da narrativa do Evangelho Segundo São Mateus (capítulo 19, versículos 21 e 22): "E disse o Mestre" ao moço rico que quisera saber como possuir a vida eterna: — Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro nos céus; e vem e segue-me. E o mancebo rico, ouvindo essas palavras, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades".

6. PELA VIVÊNCIA SOCIAL DA DOCTRINA ESPÍRITA

Com tudo o que dissemos, pudemos ofertar-vos farto material para estudo e cremos haver estimulado vossa ânsia de saber. Meditai no que ouvistes e não vos furteis ao dever da pesquisa. Lêde, estai informados: não vos acomodeis nem receeis conhecer e cotejar as diversas soluções sociais que se desenham no mundo, erigindo novas sociedades na Ásia, na África e na América Latina. Encarai as conquistas do materialismo histórico no campo social como realidade que se não mais pode negar: dispondes de imensa bibliografia, apta a vos esclarecer o que verdadeiramente acontece nos atuais países socialistas. Não temais constatar até que ponto aquelas comunidades hão resolvido a problemática social e onde terão falhado: a negação *a priori* é atitude adversa ao estudioso espírita, que tem de ser livre para estudar, discutir e comparar, ou não saberá julgar com precisão e honestidade.

Entretanto, convém submetais ao crivo da razão as coordenadas que vos trouxemos; não vos disponhais a acatá-las sem antes bem ponderar nossos argumentos. Nossa doutrina desconhece chefes espirituais, e não sériéis espíritas se nos tomásseis à conta de condutor. Não queremos conduzir nem comandar; ao contrário, muito nos doeria saber-vos a apoiar nossas idéias pelo simples fato de provirem de um suposto poder, pois que, tanto quanto vós, apenas buscamos aprender e corrigir-nos, conhecer e aprimorar-nos. Conclamamo-vos, isto sim, a que estudeis conosco e juntos construamos a *doutrina social dos espíritas*: o "socialismo com Jesus", segundo

a feliz expressão de Emmanuel na obra que leva seu nome; enfim, o socialismo cristão, que há de florescer no Brasil. E isso acontecerá, não porque o Brasil seja efetivamente "Coração do Mundo e Pátria do Evangelho", na poética imagem de Humberto de Campos; é a própria observação da marcha dos acontecimentos que nos induz a intuí-lo. Ora, se em nenhuma outra nação o Espiritismo fez tão grande número de adeptos e em parte alguma os espíritas realizamos tanto quanto aqui, por que não imprimiríamos ao rumo da história, a partir do Brasil, um cunho novo e autenticamente espírita? Nossa opinião maciça e nossa constante identificação com o bem não pesarão porventura sobre a direção dos fatos? Se tal não se der, é porque não teremos sido fiéis depositários da Terceira Revelação, ou não a teremos sabido mobilizar a serviço de nossa reforma interior e da renovação do meio em que vivemos.

Lêde "A Nova Geração" de Kardec, em "A Gênese", e compreenderéis que não vos pregamos diatribes, fantasias ou imposturas. A renovação social é iminente, e nós somos ou podemos ser co-instrumentos dessa renovação; nós somos ou devêramos ser a *nova geração*.

Como, porém, intentar uma transformação eficaz no campo fecundo das relações humanas, se ainda não aprendemos a renovar-nos a nós próprios ou a renovar o meio espírita que tibiamente integramos? Como construir a paz e a fraternidade no mundo, ou o Reino de Deus entre os homens, se ainda não conseguimos entender-nos dentro de nossas fronteiras ideológicas? Como pretender a semente da união e da concórdia universais, se a cizânia e a discórdia minam nossa fortaleza e nos fazem desconfiar uns dos outros? Há mister atendamos, primeiro que tudo, ao

imperativo da união. Por que não procuramos estimular os laços que nos unem e destruir os motivos que nos separam? Por que não nos unimos num objetivo único, já que temos aderido à mesma filosofia de vida?

Quando lançamos nosso controvertido artigo "Palavra aos Jovens Espíritas do Brasil" pelas colunas de "Mundo Espírita", não aspirávamos a outra coisa que não unir: não fomos lá muito feliz em nosso intento e demos origem a um escândalo ainda maior. Choveram pedras e apupos sobre nós, mas também é certo que muitos foram capazes de perceber a sinceridade de nossa exortação. De qualquer modo, penitenciamos-nos do mal que tenhamos causado, porém reafirmamos que nosso propósito maior é a união dos espíritas: união real, fraterna, objetiva e eficiente. E nosso apelo se dirige principalmente aos jovens, não porque pretendamos um movimento de separação ou rebeldia contra os menos jovens, de cuja experiência não podemos nem devemos prescindir, senão porque nossos maiores, aureolados pelo cumprimento do dever, já se avizinham do termo da jornada e são os jovens que, dentro em breve, assumirão a responsabilidade de nortear os destinos da Doutrina Espírita neste país. Para nós, jovens, as desinteligências e os dissídios, as divergências doutrinárias e os velhos antagonismos, que por mais de uma vez têm abalado nossa cidadela e comprometido nossa unidade, não nos dizem coisa alguma: não lhes demos causa nem queremos herdá-los, senão superar todas as antigas divergências, a ver se não repetimos o mesmo erro de quem nos precedeu.

Unamo-nos, pois, estudando juntos e conservando o Espiritismo sempre uno e harmônico, sem lhe diminuir qualquer dos aspectos. Mantenhamo-lo indene da superstição e do fanatismo,

do misticismo e da fantasia, por via do estudo metódico e progressivo, mas também a pretexto de preservá-lo contra as deturpações que a ignorância lhe aporta a todo instante, não nos cristalizemos na intransigência e no misoneísmo, nem muito menos convertamos nossa doutrina numa torre de Babel, sustentando pontos de vista meramente pessoais ou negando-nos a uma coordenação de propósitos. Sufoquemos o personalismo, que nos divide e incompatibiliza; exaltemos a solidariedade, que nos aproxima e reconforta. (5)

Somos todos moços. Mas que ninguém despreze nossa mocidade: queremos servir a Deus, ao homem, à vida e à sociedade. Sirvamos, portanto, que nosso estandarte foi desfraldado há mais de um século e outro não há que o substitua: "Fora da caridade não há salvação". Sirvamos e trabalhemos, imprimindo à caridade espírita seu sentido real, o do amor posto a serviço do bem comum, e roubando-lhe o caráter aviltante de institucionalização da esmola: promovamos a caridade-trabalho, a caridade-escola, a caridade-soerguimento, a caridade-respeito, a caridade-compreensão, a caridade-perdão, a caridade-amor (6). Aprendamos a descer ao charco para elevar à planície os que – vítimas da opressão, do egoísmo coletivo e da injustiça social – chafurdam na ignorância, relegados à margem da faina competitiva em que nos consumimos, desumanizados e indiferentes à fome e à miséria que nos circundam a privilegiada existência; atendamos aos analfabetos, aos famintos, aos míseros, aos nus, aos párias e aos deserdados, respirando-lhes o convívio nos próprios redutos do infortúnio, amando-os intensamente e alevantando-os à dignidade da condição humana, enquanto justificamos, no amor, nossa própria condição de homens.

Eduquemos. Construamos. Antecipemos o amanhã, como vanguardeiros de uma nova civilização, mais justa e mais equânime. Nossas armas nessa batalha gigantesca, que não é de destruição dos fundamentos, senão de revitalização das bases genuinamente humanas da sociedade terrestre, serão o esclarecimento, a renúncia e sobretudo o exemplo (7). Pela força do exemplo, Buda, Tolstoi e Gandhi assinalaram a história e revolucionaram o mundo. E o maior exemplo foi e será sempre o de Jesus, que desceu ao povo para fazê-lo ascender. Desçamos então às massas, elevando-as pelo poder do amor, em vez de nos elevarmos delas pelo poder da ambição. Exemplifiquemos: multipliquemos os exemplos de renúncia, de abnegação e desprendimento!

A Comunhão Espírita Cristã de Curitiba, que fundamos e dirigimos em nossa cidade, pretende ser um desses exemplos. Ao contrário do que insinuam nossos detratores, não é um agrupamento de rebeldes ou um foco de subversão, nem tampouco um quisto religioso ou um movimento separatista a ameaçar a ortodoxia espiritista: é um centro espírita como outro qualquer, mas em que a mera rotulagem cedeu lugar à vivência e em que as palavras se fizeram atos, corporificadas em tarefas eficazes de educação, de trabalho, de promoção humana, de recuperação, de serviço social e amor cristão; é uma sociedade de jovens espíritas, conscientes de sua missão de construtores do futuro; é uma célula dinâmica de Espiritismo social a serviço do povo.

Quanto fizemos lá, dinamizemos todos os nossos núcleos de trabalho e nos estreitemos as mãos: sejamos um só coração, uma só alma, um só pensamento, para servir, amar e construir!

Que então Deus nos abençoe. E, em Ele nos abençoando, dir-Lhe-emos assim:

"Senhor Deus, pai dos que choram,
Dos tristes, dos oprimidos,
Fortaleza dos vencidos,
Consolo de toda dor,
Embora a miséria amarga
Dos prantos de nosso erro,
Deste mundo de desterro
Clamamos por vosso amor.

Nas aflições do caminho,
Na noite mais tormentosa,
Vossa fonte generosa
É o bem que não secará...
Sois, em tudo, a luz eterna
Da alegria e da bonança,
Nossa porta de esperança
Que nunca se fechará.

Quando tudo nos despreza
No mundo da iniquidade,
Quando vem a tempestade
Sobre as flores da ilusão,
Oh, Pai! sois a luz divina,
O cântico da certeza,
Vencendo toda aspereza,
Vencendo toda aflição.

No dia de nossa morte,
No abandono ou no tormento,
Trazei-nos o esquecimento
Da sombra, da dor, do mal...
Que nos últimos instantes
Sintamos a luz da vida,
Renovada e redimida,
Na paz ditosa e imortal!

o . o . o

NOTA EXPLICATIVA

A palestra que você acabou de ler, meu jovem amigo, foi proferida há questão de cinco anos; gravaram-na em Lins e, vertida para o papel, aqui ressurgem sem maiores retoques.

Se hoje tivesse de reescrevê-la, por certo eu alteraria muita coisa (sobretudo as conclusões, que me pareceram fracas ante o arrojo das premissas), porquanto o pensamento progride sempre e ninguém estaciona em sua procura da verdade, quando possuído de autenticidade e do desejo de saber e **ser**. Mesmo assim, autorizei-lhe a publicação à guisa de apoio substancial à cruzada esclarecedora de "A Fagulha" e, notadamente, em forma de homenagem ao Armando Oliveira Lima e ao Adalberto Paranhos, dois moços que reagem bravamente à melancólica "igrejificação" daquilo que há cem anos era um ideal de liberdade e universalismo: a Doutrina dos Espíritos, ora reduzida por seus próprios profitentes a uma teorização dogmática e sectária sobre fatos imperfeitamente estudados.

O caminho que aqueles dois vêm trilhando, malgrado a **santa** cólera de seus confrades, que tressuam intransigência em nome da divisa do "trabalho, solidariedade e tolerância", é irreversível e de certo modo constitui o prosseguimento da jornada que eu iniciei, sozinho e desassistido, justo na época da produção da conferência acima transcrita. Daí porque tanto me identifico ao que eles dizem e realizam, pois o que realizam e dizem é a reafirmação dos ideais e princípios que ainda mantenho vivos dentro de mim.

Frustram-se, assim, quantos hajam identificado meu silêncio de mais de dois anos a um recuo nas idéias ou a uma deserção na luta: meramente encerrei um capítulo de minha vida, em que insisti até o limite

da conveniência, e quem almeja crescer sempre, a fim de realizar o infinito de suas potencialidades, não pode deter-se em etapas já superadas de sua marcha ascensional.

Liberto de preconceitos e limitações mais fortemente condicionantes, vivo agora nova fase: freqüento um curso superior de Psicologia, onde colho farto material para as empreitadas de amanhã; procedo a uma revisão completa de meus artigos de fé espírita, para constatar até que ponto o em que creio individualmente pode objetivar-se em termos de comunicação científica; enfim, recuso-me a parar no tempo e repisar, em total alheamento à ciência de nossos dias, conceitos ultrapassados e discutíveis, dado que as pesquisas espíritas morreram com os Crookes, os Geleys e os Bozzanos, e é preciso que se descubra uma linguagem que melhor corresponda às exigências do presente século.

A fé raciocinada, que o Espiritismo ontem facultava, é cada vez mais **fé** e menos **razão**. Se isso lhe basta, o problema é seu... Quanto a mim, seguirei adiante em minha busca permanente de mais largos horizontes e se, ao cabo de algum tempo, descobrir algo de novo para ofertar-lhe, que não seja a repetição enfadonha daquilo que você encontra na melíflua literatura espírita contemporânea, voltarei a seu convívio e outra vez lhe falarei. Mas falarei de coisas que não sirvam apenas a você, que se acomodou a uma grei religiosa onde lhe não permitem pensar livremente, senão a todos os homens, espíritas ou não, católicos ou judeus, muçulmanos ou budistas, agnósticos ou ateus.

Até lá, fica com você a amizade e o sincero abraço do

Jacob Holzmann Netto
Curitiba, 10/10/1969

NOTAS DA EQUIPE

A FAGULHA

(1) Aos que tomarem gosto ao estudo das questões de cunho filosófico e científico desenvolvidas neste capítulo, remetêmo-los à leitura da obra de Humberto Mariotti, "O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização", e, mais especificamente, aos seus capítulos IV e V, em que o filósofo argentino se põe a analisar, respectivamente, "A Filosofia Científica de Gustavo Geley" e "O Significado Espírita do Materialismo Dialético".

(2) Vertida para o português, vindo a lume pela EDICEL, o livro intitulado originalmente "Parapsicología y Materialismo Histórico" recebeu o nome de "O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização", sendo-lhe dado, ademais, o subtítulo de "Do Materialismo Histórico a uma Dialética do Espírito".

(3) Todos quantos se interessarem em se cientificar das expressões de Albert Einstein, ao efetuar uma análise acurada do tema "Por que o Socialismo?", deverão se endereçar às páginas 167 a 173 de "O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização", que transcreve artigo inserido na revista "Gauche Européene", de Paris.

(4) Em assim pensando, os jovens integrantes do Movimento Universitário Espírita (MUE)

de Campinas houveram por bem se cometer a obrigação de esboçar um trabalho de natureza científica nesse sentido. Nele examinarão as implicações entre a Sociologia e o Espiritismo, conferindo ênfase especial às contribuições que uma ao outro se podem prestar mutuamente. Semelhante estudo, frise-se, fará parte da tese que, em forma de anteprojeto, será apresentada em Sorocaba-SP, dias 5, 6 e 7 de setembro de 1970, quando da efetivação da III Concentração dos MUEs do Estado de São Paulo, a qual, ulteriormente, virá a público em mais uma edição de A FAGULHA.

(5) Reconhecendo que a busca da unidade na diversidade deve preocupar todos os espíritas, jovens e adultos, considerados em pé de igualdade, o MUE de Campinas, juntamente com o Departamento de Mocidades do 39° CRE da USE-SP, deu a conhecer sua proposta "Novos Rumos ao Movimento de Unificação", que se encontra em vias de ser submetida à apreciação do Conselho Deliberativo Estadual da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Procuramos assim, os moços, delinear uma nova vivência entre os espíritas em geral, na qual a co-participação e a co-responsabilidade lhes propiciem tornar comuns os problemas com que se deparam, tendo por fim traçar uma ação conjunta, sob o halo da fraternidade, rumo ao cumprimento de seus encargos específicos. A esse respeito, aliás, foi dedicada toda uma edição de A FAGULHA, precisamente a de n° 8, correspondente a julho de 1969.

(6) A prática do Serviço Social, à luz dos princípios espiritistas, aqui preconizada, já constitui, de algum tempo a esta parte, motivo de preocupação dos universitários espíritas paulistas. Assim é que, quando da efetivação

da II Concentração dos MUEs do Estado, levada a efeito nesta cidade, a 19, 20 e 21 de abril de 1969, procedeu-se ao estudo das correlações existentes entre o Espiritismo e aquela técnica que, sob a égide doutrinária, se fada a se tornar um meio de promoção social e espiritual do homem. Demais, naquela oportunidade, resultou aprovada, com algumas alterações, uma tese elaborada pelo Departamento de Serviço Social do Movimento Universitário Espírita de São Paulo, a qual está prestes a ser divulgada aos borbotões. Importa salientar também, que, aliando a teoria à prática, assistentes sociais vinculados ao MUE da capital paulista desenvolvem presentemente um trabalho com foros de serviço social junto à Casa Transitória Fabiano de Cristo, instituição mantida pela Federação Espírita do Estado de São Paulo.

(7) Ciente de que nada guarda tão preponderante poder de transformação como o exemplo, que é pronunciado na linguagem concreta dos fatos e das realizações, o MUE de Campinas – começando por exemplificar o ideal de renúncia – instituiu, por sugestões de todos os seus componentes, o dízimo, tributo pelo qual como o próprio nome o indica – cada um dos que o integram recolhe aos cofres da entidade soma correspondente a 10% de seus proventos.

Porém, acima de tudo, cumpre notar que eles intentarão dar contornos de realidade a uma experiência comunitária, na qual o trabalho associativo identificará todas as relações humanas. Juntarão, também nesse ponto, a teoria à prática, em sua campanha de esclarecimento que promovem em favor da libertação social e espiritual do homem.

Para tanto, numa primeira fase dessa vivência comunitária, cuidarão de oferecer aos

que a seu lado trabalharem – possivelmente num empreendimento gráfico – uma vigorosa orientação sócio-espiritual. Numa palavra, porão cobro à exploração do homem pelo homem, que fere os princípios da isonomia divina. Isso porque entendem os rapazes do MUE de Campinas que a autoridade racional constitui condição para ajudar a pessoa que, temporariamente, se encontra em posição inferior. E à parte superior, por exercer uma autoridade fundada em princípios de amor e solidariedade, toca se empenhar mais e mais no afã de elevar a parte subordinada, para que cada vez menor seja a diferença que as separa.

Dessa maneira, afinando-se por um diapasão inovador, em tal experiência comunitária os universitários espíritas campineiros abdicarão – depois de convenientemente preparados, espiritual e culturalmente, os empregados – dos seus direitos e prerrogativas de proprietários. Todos quantos nela trabalharem virão, então, a ser guindados à condição de sócios, banindo-se, por conseguinte, a distinção entre patrões e empregados. Por outro lado, é de bom alvitre acentuar que semelhante gráfica não terá outro objetivo fundamental que não o de proclamar o advento de uma nova era de compreensão entre os homens!

NOTA À PARTE

Já conhecia seu termo o trabalho de confecção desta obra, quando, mediante gestões empreendidas junto ao diretor da EDICEL, ficou concertado que o MUE de Campinas avocara a si a obrigação de, para tal editora, traduzir o livro *Espiritismo Dialectico*, de Manuel S. Porteiro E fá-lo-emos para gáudio de todos os espíritas conscientes, aos quais o estudo se incorporou a sua rotina de vivência doutrinária.

Dessa forma, não move aos universitários espíritas paulistas senão a vontade de colaborar, ainda mais, para que o Espiritismo seja levado a partilhar o convívio dos mais altos planos da cultura contemporânea.

Edição digital: PENSE

- Pensamento Social Espírita
www.viasantos.com/pense

Santos, maio de 2008 - Brasil.

Produção e Revisão: Eugenio Lara.

Revisão Final: José Rodrigues.

1ª/2ª edição: 1970.